

LITERATURA E POLÍTICA

INTRODUÇÃO À EDIÇÃO BRASILEIRA

Arthur Ituassu

“LIBERDADE É ESCRAVIDÃO”, escreveu Winston Smith, prestes a capitular com o Partido, no romance antológico de George Orwell: *1984*. “Dois e dois são cinco.”

Capitulara; não havia dúvida. Na realidade, percebia agora que estivera pronto para capitular muito antes de tomar essa decisão. Desde o momento em que se encontrara no Ministério do Amor – e mesmo durante aqueles minutos em que ele e Júlia haviam esperado, inermes, as ordens da voz férrea da teletela – percebera a frivolidade, a inutilidade da sua tentativa de levantar-se contra o poder do Partido. Sabia agora que havia sete anos a Polícia do Pensamento o vigiava como quem examinava um besouro sob a lupa. Não havia ato físico, nenhuma palavra em voz alta, que não tivesse sido observado, nenhuma associação de idéias que não tivesse podido inferir ... Não podia mais lutar contra o Partido. Além disso, o Partido tinha razão. Devia ter: como poderia enganar-se o cérebro imortal coletivo? Por que padrão extra-sensório poderia medir seus raciocínios? A sanidade era estatística. Era apenas questão de aprender a pensar como o Partido.*

O trecho que descreve o alcance do poder centralizado sobre o pensamento reflete também o impacto político da obra de George Orwell. O escritor faz parte do rol seleto de autores que mescla política e literatura sem, com isso, cair na armadilha da

* Orwell, G. *1984*. Tradução de Wilson Velloso, 18ª ed. São Paulo, Ed. Nacional, 1984, p.257.

“arte engajada”. A arte de Orwell é certamente engajada, mas isso não significa prejuízo para a arte, que assim não obedece ao pensamento político, mas, de fato, o constitui.

Os textos selecionados para esta coletânea foram escritos entre 1942 e 1948, quando Orwell trabalhou para o jornal britânico *Observer*. São os tempos da Segunda Guerra Mundial, e do embate entre os muitos “ismos” do século XX e da Era Moderna em geral: o fascismo, o nazismo, o comunismo, o capitalismo, o liberalismo, o anti-semitismo. Trata-se do terreno paradoxal do indivíduo e da coletividade, da liberdade e da mecanização, dos temas que são, ao mesmo tempo, objeto e produto da linguagem orwelliana.

Àquela altura, George Orwell já havia rompido com o seu passado, envergonhado que se tornara do Império Britânico, após presenciar a violência do colonialismo inglês na Birmânia.* Já havia trabalhado em Paris como operário. Havia também lutado na Guerra Civil Espanhola, ao lado dos anarquistas socialistas, juntando-se a partir de 1937 às fileiras do Partido Operário de Unificação Marxista.

No mesmo período, em 1944, terminaria o célebre *A revolução dos bichos*, uma crítica mordaz não só aos rumos que o comunismo havia tomado como a todo tipo de regime centralizado, fielmente representada na conhecida expressão: “Todos os animais são iguais mas alguns animais são mais iguais do que os outros.”** Durante os três anos seguintes, escreveria o clássico *1984* — publicado em 1949, logo antes de sua morte aos 46 anos, com tuberculose —, um marco da alegoria moderna de supressão do indivíduo pela utopia coletiva, pelo controle centralizado da linguagem e, conseqüentemente, do poder.

* Sobre isso ver: Orwell, G. *Dias na Birmânia*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.

** Orwell, G. *A revolução dos bichos*, São Paulo, Abril Cultural, 1982, p.130.

Nos textos que compõem esta obra, uma seleção dentre os 100 artigos e resenhas que George Orwell escreveu para o *Observer*, o escritor perpassa os seus dois grandes temas: política e literatura. Dois caminhos que no pensamento orwelliano se cruzam num só, chamado arte.

A seleção foi feita com base em questões e obras (no caso das resenhas literárias) mais conhecidas do público brasileiro, ou que a este pudesse dizer algo. Como no caso da crítica ao belo, percebido pelo visitante estrangeiro na pobreza do Marrocos: “Exceto pelo clima, todos os aspectos que atraíam o turista dependiam efetivamente do fato de o rendimento de um ser humano médio estar em torno de um centavo de libra por hora”, escreveu Orwell em “No país de Darlan” (p.25). Quantas vezes não nos pegamos tratando da mesma forma o semi-árido nordestino ou a luta pela sobrevivência dos povos africanos?

No terreno específico da política, por meio da linguagem, muitas vezes a crônica de Orwell se confunde com a realidade. “Bom senso e boa vontade não são suficientes; há também o problema da superação da vontade doentia e da ignorância invencível” (p.34), afirmou o autor em “Os fins e os meios”, na crítica que faz aos liberais. “Em geral, o sentimento parece ser o de que a maior parte dos nossos problemas tem solução, mas que um misterioso e todo-poderoso ‘eles’ impedirá toda e qualquer ação” (p.36). “Há um hiato entre líderes e liderados, e a fatídica palavra ‘eles’ exaure a confiança e encoraja o individualismo anárquico” (p.38), escreveu em “Cenas do cotidiano”, num desapontamento próprio (e bastante atual) com a política.

Como se provido de um poder vidente que ultrapassa fronteiras, ao se debruçar sobre a França do pós-guerra, Orwell chama a atenção para o “ressurgimento do clericanismo como força política” (p.54). Ao mesmo tempo, para o “recrudescimento da perspectiva nacionalista” e para a “atitude ambígua até mesmo dos

comunistas e socialistas em relação ao imperialismo” em “De Gaulle pretende manter a Indochina” (p.59). Sobre as diferenças entre a democracia popular e liberal, dicotomia-chave para se entender os regimes sul-americanos no fim do século XX, Orwell atesta:

Se democracia quer dizer governo popular, é um absurdo considerar a Inglaterra uma democracia. É uma plutocracia assombrada pelo fantasma do sistema de castas. No entanto, se democracia quer dizer uma sociedade na qual se pode ir, em segurança, ao pub mais próximo e expressar sua opinião real a respeito do governo, então a Inglaterra é uma democracia. (p.134)

Preocupado com a liberdade na utilização da linguagem, com os aspectos modernos do poder e a conseqüente incidência do totalitarismo, George Orwell alertou, em “Inversões climáticas”, para o fato de que o “totalitarismo afeta o artista, e especialmente o escritor, mais intimamente que qualquer outra pessoa” (p.162).

A respeito de outro escritor, parece falar de si mesmo: “A muitos leitores, deve ter gerado a mesma impressão que Flaubert causou uma geração anterior e Joyce a uma posterior – a impressão de que ali havia um território mental que sempre se soubera existir, mas que jamais se imaginara residir no âmbito da ficção” (p.204).

Por meio de sua obra, George Orwell desvelou um território mental que sempre se soubera existir, mas que jamais se imaginara residir no contexto da política. Um território mental escondido pela neblina das ideologias totalizantes, pela obtusidade das utopias transformadoras e pelo conformismo da mecanização do homem e do pensamento – mas iluminado pela arte em forma de literatura.